

A impressão tipográfica em Desterro: o surgimento das oficinas tipográficas na capital de Santa Catarina de 1831 à 1894.

La impresión tipográfica en Desterro: el surgimiento de talleres tipográficos en la capital catarinense de 1831 a 1894.

Letterpress printing in Desterro: the emergence of typographic workshops in the capital of Santa Catarina from 1831 to 1894.

Cristina C. Nunes, Gabriel Delmondes Pinheiro, Mary Vonni Meürer

tipografia em Florianópolis, impressão tipográfica no séc. XIX, memória gráfica

As oficinas de tipografia começam a surgir em diversas regiões do Brasil, depois da criação da Imprensa Régia em 1808 e com o decreto de 1821. Com o objetivo de compreender a trajetória da impressão tipográfica no estado durante o século XIX realizou-se uma pesquisa exploratória a partir de revisão bibliográfica e busca por informações das oficinas no acervo da Hemeroteca Digital Catarinense. O contexto local foi comparado ao cenário nacional possibilitando observar que, apesar das particularidades demográficas, políticas e culturais, o surgimento das oficinas tipográficas em Desterro, atual Florianópolis, se assemelha em muitos aspectos às demais regiões do país.

tipografía en Florianópolis, impresión tipográfica en el siglo XIX, memoria gráfica

Los talleres de tipografía comenzaron a aparecer en diferentes regiones del Brasil, después de la creación de la Imprensa Régia en 1808 y el decreto de 1821. Con el objetivo de comprender la trayectoria de la impresión tipográfica en el estado durante el siglo XIX, se realizó una investigación exploratoria a partir de una revisión bibliográfica y búsqueda de información de talleres del acervo de la Hemeroteca Digital Catarinense. Se comparó el contexto local con el escenario nacional, permitiendo observar que, a pesar de las particularidades demográficas, políticas y culturales, el surgimiento de talleres tipográficos en Desterro, actual Florianópolis, es similar en muchos aspectos a otras regiones del país.

typography in Florianópolis, letterpress printing in the 19th century, graphic memory

Typography workshops began to appear in various regions of Brazil, after the creation of the Imprensa Régia in 1808 and the decree of 1821. With the aim of understanding the trajectory of typography in the state during the 19th century, an exploratory study was carried out based on a bibliographic review and a search for information on the workshops in the collection of the Hemeroteca Digital Catarinense. The local context was compared to the national scenario, making it possible to observe that, despite the demographic, political and cultural particularities, the emergence of typography workshops in Desterro, current Florianópolis, is similar in many aspects to other regions of the country.

1 Introdução

No século XIX, a ilha de Santa Catarina, apesar de capital da província, era um local isolado por sua condição geográfica. A ponte Hercílio Luz, primeira ligação entre a ilha e o continente, só foi finalizada em 1926 e até então todo acesso de pessoas e mercadorias à cidade era marítimo, sujeito ao regime de ventos e demais peculiaridades desta modalidade de transporte.

Matos (2008) destaca a dificuldade de acesso aos livros nas primeiras décadas do século XIX, já que a cidade não tinha meios para produção de impressos e a sua chegada na ilha era escassa, dependia de coleções particulares. Além disso, a população de Desterro em 1832 foi contabilizada em aproximadamente 7000 habitantes, destes, 2500 pessoas estavam na condição de escravizadas. O levantamento destaca que apenas 600 habitantes de Desterro eram alfabetizados (Matos, 2008).

O aumento de impressos durante o século XIX, que iniciam com uma publicação de jornal em 1831 e chegam ao registro de 40 jornais circulando entre 1891 e 1900 (Machado e Borszcz, 2020), demonstram a tentativa de deixar a condição de isolamento e lentidão intelectual atribuídas à cidade. Matos (2008) observa que na segunda metade do século XIX, a cidade não possuía a mesma dinâmica dos grandes centros brasileiros por questões intrínsecas à sua identidade. Em meados da década de 1870 a ilha se ligava pelos cabos da *The Western and Brazilian Telegraph* a diversas cidades: Rio de Janeiro, Santos, Salvador e Belém. Além disso, embarcações a vapor faziam viagens semanais conectando Desterro ao Rio de Janeiro e Buenos Aires.

Além das mudanças culturais, há uma relação entre acontecimentos políticos nacionais e as alterações de nome da cidade durante o século XIX. Inicialmente, a Vila de Nossa Senhora do Desterro foi alçada à condição de cidade em 20 de março de 1823, por decreto imperial, quando passou a chamar-se Desterro, ou seja, logo após o processo de independência do Brasil. O nome da cidade foi alterado novamente em 1894, após a proclamação da república, como resposta ao sufocamento da Revolução Federalista, em homenagem ao Marechal Floriano Peixoto, conforme decreto apresentado na figura 1. Esta última mudança é percebida por parte dos habitantes como uma afronta e foi recebida com resistência. Gerlach (2015, p. 13) afirma que “a nova cidade nasceu sob ressentimento de um tirano”.

Figura 1: Página do jornal Ilha de Santa Catarina com a publicação do decreto de 1894.



Fonte: Adaptado de Gerlach, 2015 p. 39

A partir de um decreto, Desterro deixa de existir, torna-se memória. Nora (1993) estabelece que a memória sempre é carregada pelos grupos vivos. No entanto, quando não há mais meios de memória, pois os registros habitavam as memórias de pessoas que se foram, ela se cristaliza em lugares, no que sobrou de um determinado tempo, de uma prática, de um evento, de uma produção. Para Fonseca (2021) as bases conceituais dos estudos sobre Memória Gráfica Brasileira apoiam-se em artefatos considerados lugares de memória, já que são vestígios memoriais de uma prática e da produção em design.

Assim, a memória gráfica de Desterro, fala do aumento da quantidade de oficinas tipográficas que representa, não apenas o letramento da população em seu sentido estrito, mas também o seu letramento político. As primeiras oficinas de impressão tinham o objetivo de publicar jornais vinculados a determinadas posições políticas e ideológicas.

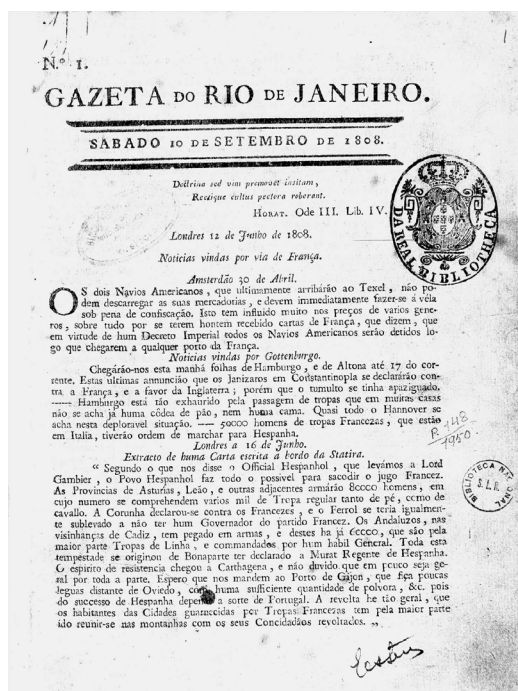
Diante deste contexto demográfico, cultural e político da capital de Santa Catarina e considerando o cenário nacional, como surgiram as oficinas tipográficas na ilha e quais eram as características de suas publicações no século XIX? O presente artigo apresenta os resultados iniciais de uma pesquisa sobre as oficinas tipográficas de Desterro, entre 1831 e 1894. O objetivo é descrever as oficinas observando: o período de atuação; a variedade de publicações, as características dos impressos e a localização geográfica. A partir deste reconhecimento, pretende-se estabelecer uma comparação com o panorama nacional para compreender como o setor gráfico se estabeleceu na capital de Santa Catarina.

2 Contextos da impressão tipográfica no Brasil do século XIX

Em sua tese Eller comenta sobre autores e fatos que apontam iniciativas de instalação de oficinas tipográficas no Brasil ainda no século XVII na região de Pernambuco pelos holandeses, porém sem sucesso. No século seguinte, em 1747, de acordo com Hallewell (1985), Lima (2006), Godin e Silva (2020) se instalou no Rio de Janeiro a Oficina de Antonio Isidoro da Fonseca. Isidoro, que era um profissional reconhecido em Lisboa, veio para o Brasil para evitar problemas com a inquisição e trouxe seu equipamento e experiência com impressão tipográfica. Porém sua iniciativa não foi bem recebida pelo governo local, que temia perder o controle sobre o que seria publicado. De acordo com Godin e Silva (2020), pouco tempo depois a Corte Portuguesa deu ordens para que o local fosse fechado e a impressora confiscada e destruída (Ordem Régia, Lisboa, 6 de julho de 1747).

Oficialmente a impressão no Brasil inicia em 1808, com o decreto do príncipe regente D. João VI publicado em 13 de maio e já impresso com o maquinário trazido para o Brasil. O prelo e as 28 caixas de tipos ingleses compunham o acervo da Impressão Régia, uma filial da editora já existente em Lisboa (Godin e Silva, 2020). Meses depois, em 10 de setembro, passa a ser publicado o primeiro jornal impresso no Brasil, a Gazeta do Rio de Janeiro (figura 2). Poucos meses antes, em junho de 1808, Hipólito da Costa publicou o Correio Braziliense, que apesar de editado e impresso em Londres, pode ser considerado o primeiro periódico brasileiro, segundo Eller (2020). A partir de 1813 surge a revista O Patriota, considerada pelos especialistas como a melhor publicação literária da Regência (Isabel Lustosa *apud* Cardoso, 2009).

Figura 2: Primeiro jornal publicado no Brasil



Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional

Segundo Lima (2006) a Imprensa Régia recebeu diversos nomes ao longo dos anos, como Impressão Nacional, Tipografia Nacional e Imprensa Nacional e teve o monopólio da impressão tanto de documentos oficiais quanto de textos literários e didáticos até 1821. Uma exceção nesse período foi a tipografia de Manuel Antônio da Silva, que passou a funcionar em 1811 na Bahia com a licença da Coroa.

Apesar da imprensa ter sido instalada em 1808, havia uma forte censura por parte da Coroa Portuguesa sobre as publicações impressas, tanto no Brasil quanto em Portugal. Carvalho e Figueira (2022) reforçam que a partir de 1768, com a instauração da Real Mesa Censória, pelo Marquês de Pombal, há um arrefecimento da censura e perseguições. As mudanças ocorreram apenas a partir de 1820, com a Revolução Liberal de Porto, que forçou o retorno da corte a Portugal e a criação de uma constituição. No período de um ano (1820-1821) o número de jornais quintuplicou em Portugal, como consequência da liberdade de imprensa decretada imediatamente após a vitória das forças liberais portuguesas (Carvalho e Figueira, 2022), fenômeno semelhante foi percebido no Brasil.

O decreto que passa a permitir a instalação de gráficas em todo o país foi publicado em 09 de março de 1821 e a partir daí começam a surgir as gráficas particulares. Lima (2006) afirma que no Rio de Janeiro, 10 anos depois do decreto, eram 12 tipografias instaladas produzindo jornais como o Diário do Rio de Janeiro (1821) e o Jornal do Comércio (1827). A produção de livros desponta anos mais tarde, nas décadas de 1870 e 1880, com a edição e impressão principalmente de livros didáticos. Godin e Silva (2020) citam como exemplo para este período estabelecimentos como a “Nova Officina Typographica”, “Typographia de Moreira e Garcez”, “Officina de Silva Porto e Cia.”, “Officina dos Anais Fluminenses” do escritor Victoriano José dos Santos, “Typographia Astréia”, “Torres e Costa”.

Minas Gerais também se insere no cenário das publicações no país com a criação da “Tipografia Patrícia de Barbosa” por iniciativa do português Manuel José Barbosa Pimenta e Sal e do Pe. Joaquim José Viegas de Menezes. A oficina foi responsável pela publicação do primeiro jornal do estado, o Compilador Mineiro em 1823, segundo Eller (2020). Novas tipografias surgiram também fora da capital do estado, em São João Del Rei (1827), Diamantina (1828) e Mariana (1830). (Hallewell, 1985)

De acordo com Farias *et al* (2018) a impressão tipográfica na cidade de São Paulo só foi estabelecida em 1827, com a fundação do jornal O Farol Paulistano. As autoras citam ainda os registros feitos por Affonso A. de Freitas (1915) que lista 22 jornais publicados em São Paulo até 1840, com 55 novos títulos introduzidos entre 1851 e 1860, e outros 273 entre 1881 e 1890. Sobre a publicação de livros, Godin e Silva (2020) destacam títulos de 1836 e 1852 e comentam que entre 1860 e 1870 haviam 6 tipografias e 5 livrarias na cidade.

A edição e produção de impressos não se concentrava apenas na região sudeste, pois como já foi citado, a Bahia também passa a imprimir a partir de 1811. A iniciativa partiu de Manuel Antônio da Silva Serva, um livreiro que, ao saber da implantação no Rio de Janeiro, buscou autorização junto à Coroa para iniciar a atividade em seu estado. Tendo a permissão

concedida em 1809 buscou equipamento na Inglaterra e iniciou as atividades em 1811 produzindo 176 títulos até 1846. Godin e Silva (2020) comentam que com o falecimento de Serva o empreendimento o passou para seu genro, José Teixeira e Carvalho e ficou conhecido na colônia como *Typographia da Viúva Serva e Carvalho*”.

Também na região Nordeste, Godin e Silva (2020) destacam a fundação da “Oficina Tipográfica da República restaurada de Pernambuco”, fundada em 1817 e fechada em pouco tempo pelo governo devido a questões políticas. Mais tarde, em 1820, foi autorizada pelo governador Luis do Rego Barreto a construção de uma prensa que ficou aos cuidados do francês Jean-Paul Adour. De Recife também partiram prelos para o Ceará em 1824 e Alagoas em 1831, dando início às atividades de impressão nesses estados, segundo Hallewell (1985). No Maranhão as atividades têm início em 1822 com a produção do jornal do governo e tipografias particulares nos anos seguintes. Em 1847 passa a ser produzido *O Progresso*, o primeiro jornal diário do Maranhão. (Godin e Silva, 2020)

Na região sul, Hallewell (1985), citando Nestor Ericksen, indica como primeiro estado a começar a imprimir o Rio Grande Sul, em 1827, mesmo ano de São Paulo. Em Santa Catarina a instalação da primeira oficina tipográfica aconteceu em 1831 e o Paraná, que fazia parte de São Paulo até 1854, recebeu o primeiro prelo em 1853.

Para Cardoso (2009) a crescente integração de transportes e comunicações foi fundamental para a expansão das empresas gráficas que passaram a ter condições de produzir para além de suas regiões, sendo São Paulo, Juiz de Fora e Porto Alegre considerados polos de produção. Godin e Silva (2020) destacam a instalação de fábricas de papel no país diminuindo os custos de importação deste insumo e favorecendo o mercado editorial.

Além do crescimento de empresas e oficinas, outro fato que demonstra o amadurecimento do meio gráfico no país é a organização dos trabalhadores, especialmente os tipógrafos, fundando associações e publicando jornais voltados para sua categoria. Como exemplo Cardoso (2009) cita a Associação dos Tipógrafos Fluminenses que passou a publicar a partir de 1856 o jornal *Echo da Imprensa*, com conteúdo artístico, literário e recreativo. Nos anos seguintes também foram publicados o *Jornal dos Typographos* (1858), a *Revista Typographica* (1864) e o *Typograph* (1867). Para o autor “a proliferação desses órgãos atesta a existência de uma classe numerosa e ativa de profissionais identificados com a nova indústria gráfica”. (Cardoso, 2009)

2 Método de pesquisa

Buscando compreender o cenário da impressão tipográfica na capital de Santa Catarina optou-se pelo método comparativo, que consiste em analisar as semelhanças e divergências entre fenômenos (Prodanov, 2013). Trata-se de uma pesquisa do tipo exploratória, que envolve revisão bibliográfica sobre a instalação e a produção das primeiras oficinas tipográficas no Brasil, tendo como destaque o local de estudo. Como recorte para a pesquisa foi definido o

intervalo compreendido entre 1831 e 1894, que se refere a instalação da primeira oficina tipográfica no estado e ao ano que a capital muda de nome, deixando de ser Desterro.

A técnica utilizada foi a documentação indireta com base em livros e artigos que tratam do surgimento da impressão tipográfica no Brasil e da história de Santa Catarina, tendo como ênfase sua capital. As informações relacionadas a impressão tipográfica foram complementadas por uma pesquisa na Hemeroteca Digital Catarinense, organizada por Machado e Borszcz (2020) a partir do Catálogo Jornais Catarinenses da Biblioteca Pública de Santa Catarina (2020). A busca nestes catálogos de periódicos da época concentrou-se em identificar o local de instalação, período de atividade e o responsável pelas oficinas tipográficas de Desterro, bem como as publicações atribuídas a cada oficina.

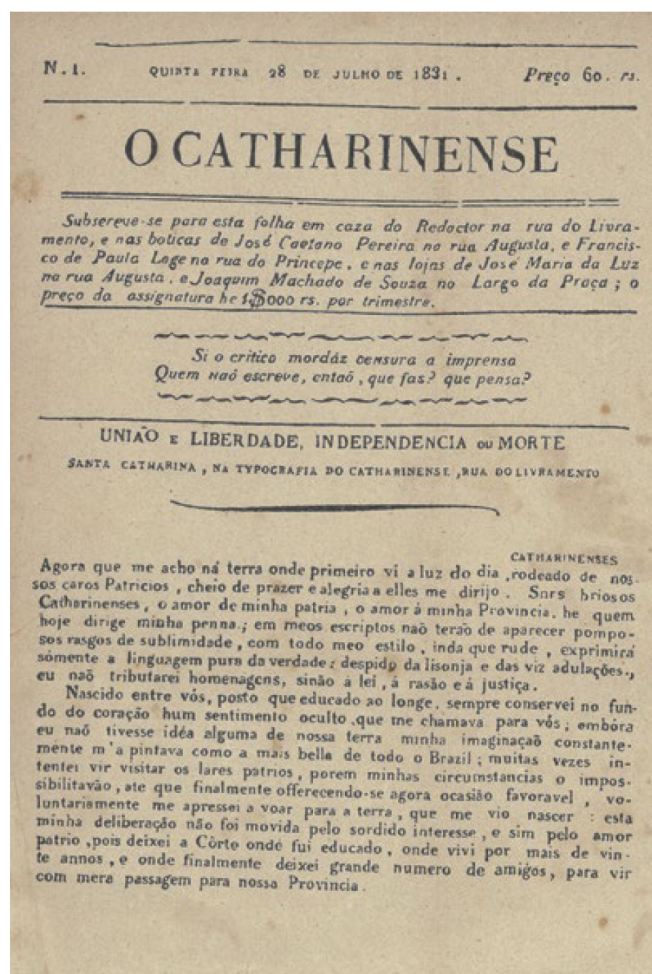
Com a análise e síntese destas informações foi possível construir um mapeamento da impressão tipográfica na região e uma comparação do cenário local com o contexto nacional relacionando a quantidade e a distribuição de oficinas, além da produção de publicações.

3 Panorama das oficinas tipográficas na capital de Santa Catarina a partir da revisão bibliográfica

Os primeiros sinais do surgimento da impressão tipográfica na capital catarinense vieram nos anos após a instauração do decreto real de 1821. Com a chegada gradativa de recursos humanos e tecnológicos, as primeiras instalações começaram a ocupar o Sul do Brasil, sendo o estado de Santa Catarina o segundo a ter registros da chegada das oficinas na região. Havia movimentações políticas na câmara dos deputados para a instalação de uma tipografia custeada pelos cofres do império porém a proposta não se concretizou, fazendo com que a primeira tipografia catarinense fosse abrir as portas apenas 10 anos após o decreto.

Em 1831 a capital tornou-se o berço da imprensa do estado com a circulação do periódico “O Catharinense”, editado, montado e impresso pelo Capitão do Corpo de Engenheiros, que posteriormente se tornaria Deputado Geral de Santa Catarina, e Presidente das Províncias do Grão-Pará e do Rio Grande do Sul, Jerônimo Francisco Coelho (1806-1860). Com a ajuda de Domingos de Souza França e dos maçons cariocas, Jerônimo Coelho adquiriu um prelo e material de impressão para fundar, sob sua direção, a primeira oficina tipográfica da ilha, a “Typographia Catharinense”, onde o periódico era impresso. (Matos, 2008)

Figura 3: Capa do primeiro periódico publicado em Desterro.



Fonte: Hemeroteca Digital Catarinense (Machado e Borszcz, 2020)

A oficina manteve as portas abertas por cinco décadas e passou por diversos períodos de gestão, ficando sob direção de nomes como Germano Antônio Maria Avelim, Fernando M. Raposo d'Almeida e Francisco Vicente Ávila. Ao longo dos anos de atividade, funcionou em vários endereços da região central da ilha e imprimiu diversos periódicos que circulavam tanto dentro como fora da capital. O quadro 1 representa as informações referentes à primeira oficina tipográfica do estado, obtidas por meio de pesquisa no acervo da hemeroteca digital (Machado e Borszcz, 2020).

Quadro 1: Informações sobre a Typographia Catharinense

Local	Rua do Livramento nº34 (Rua Trajano) Largo do quartel, nº41 (Rua Padre. Miguelinho) Largo da Matriz nº 1 e 2 Rua da Cadeia nº16 (Rua Tiradentes - 1862)
Período de atividade	1831-1885

Principais publicações e seus formatos	O Catharinense (15,3x 21,5cm) O Catharinense (28x18,5 cm) A Revelação O Correio Catharinense (40x31cm) O Mensageiro (35x22cm e 37x28cm) O Correio Oficial de SC (37x28cm) O Cruzeiro do Sul A Quinzena O PACAJÁ (32x21cm) O Desterrense (39x28 cm)
Diretoria	Jerônimo Francisco Coelho Editoria e Diretoria: Germano Antônio Maria Avelim (1857) F. M. Raposo d'Almeida (1860) Francisco Vicente Ávila (1861)
Informações adicionais e referências	"Typographia Catharinense de Germano A. M. 1857" --- O jornal 'A Revelação' era impresso também na casa Alexandre Francisco da Costa no endereço de Rua Augusta nº 23

Fonte: Dos autores a partir da Hemeroteca Digital (Machado e Borszcz, 2020)

As oficinas tipográficas que surgiram no período pesquisado se concentraram na região do polígono central da ilha (figura 4), mais especificamente nos arredores do Largo da Matriz, região que atualmente corresponde à Praça XV de Novembro.

Figura 4: Mapa com indicação do polígono central da ilha

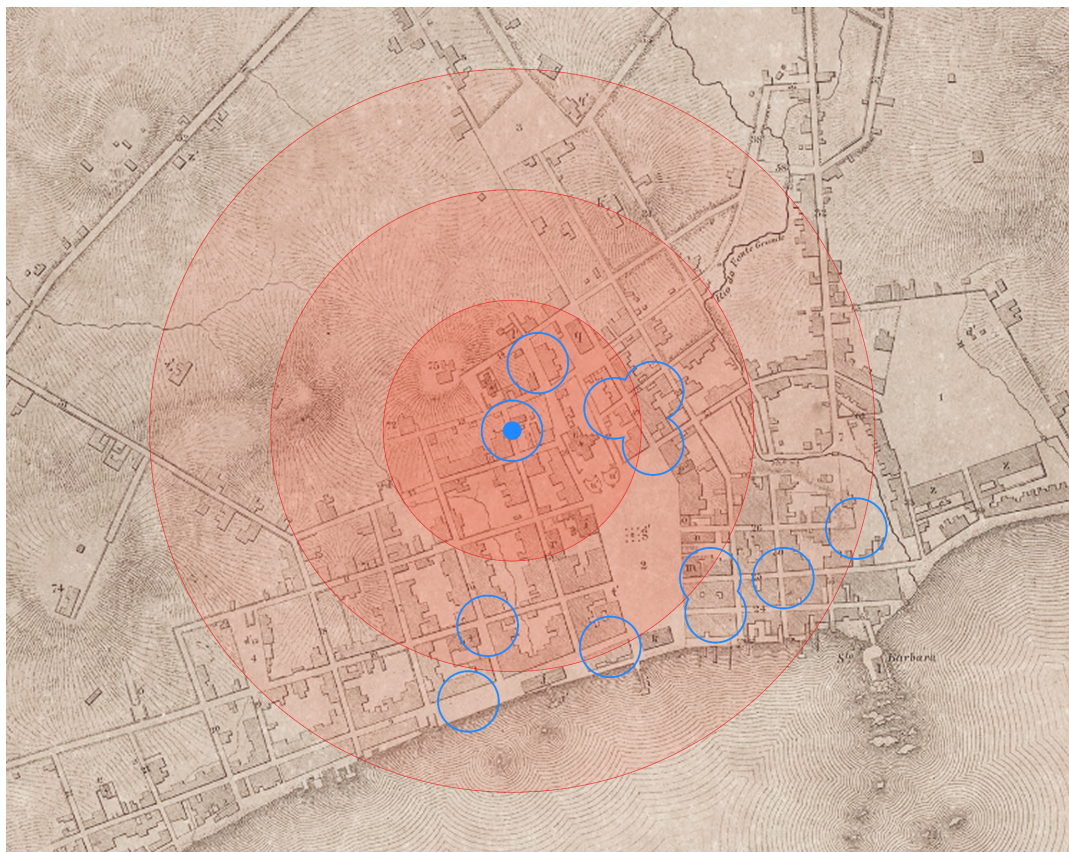


Fonte: Adaptado a partir do mapa elaborado por Amédée François Frézier em 1716, disponível no catálogo digital da Biblioteca Nacional de Portugal.

Assim como a oficina tipográfica de Jerônimo Coelho, muitas delas passaram por diferentes gestões e migraram de endereços até fecharem as portas ou darem lugar a novas oficinas. Essa dinâmica de trocas de nome, endereço, gestão e reaproveitamento de maquinário decorrente da compra e venda dos estabelecimentos, era comum, o que dificulta a identificação dos períodos de funcionamento e até mesmo a diferenciação entre oficinas. Há casos em que oficinas funcionaram em um mesmo endereço em diferentes intervalos de tempo, ainda que próximos, ou casos de oficinas que mudaram de endereço sem explicitamente interromper ou alterar outras características do negócio, desfavorecendo o mapeamento preciso da posição geográfica que estas ocupavam antes de fechar. Todavia, pela indicação de endereços nas publicações e comparando com o mapa da época observa-se que estavam concentradas numa localidade privilegiada do centro, próxima a região portuária, que fazia a ligação ao continente, onde acontecia a maior circulação de pessoas e serviços da cidade.

A figura 5 representa o mapa com essa distribuição, destacando o local onde se estabeleceu a primeira oficina. As mudanças de nomenclatura nas ruas foram identificadas a partir dos registros de Veiga (1990), porém não foi possível confirmar se a numeração é equivalente, sendo assim a localização é aproximada.

Figura 5: Mapeamento das áreas de concentração das oficinas tipográficas em Desterro.



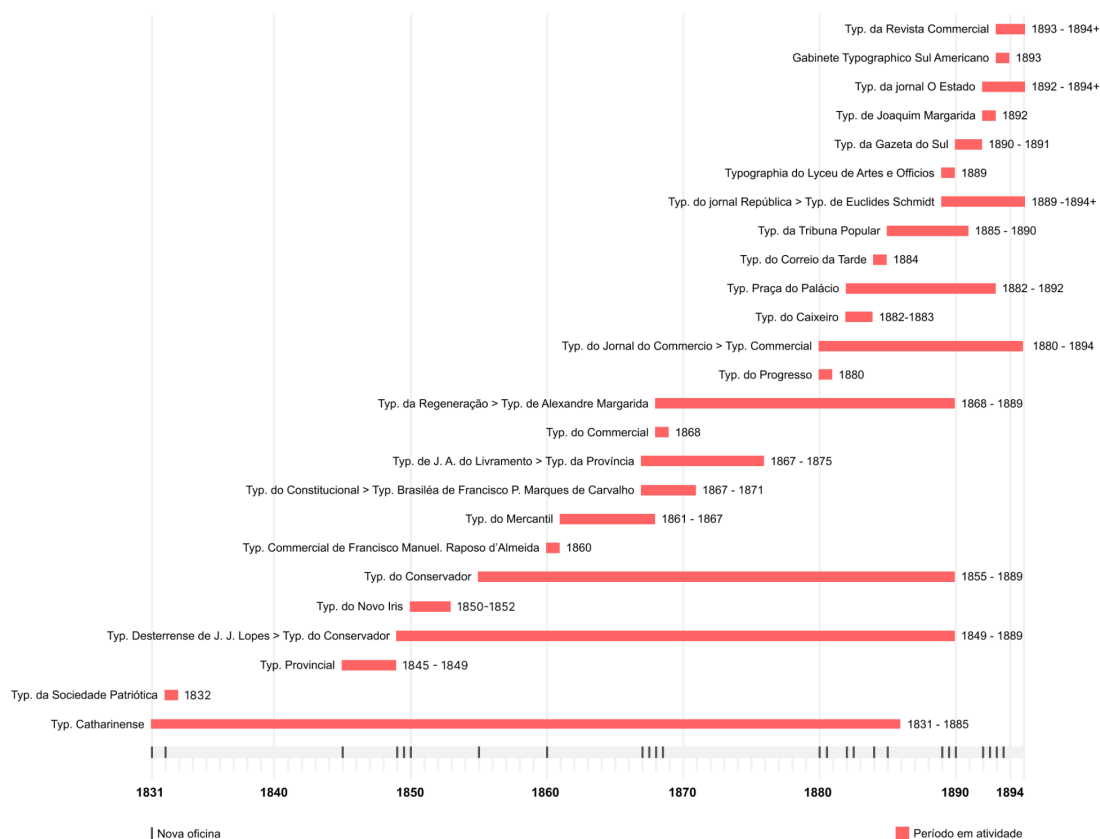
Fonte: Dos autores a partir de Machado e Borszcz (2020), Catálogo Jornais Catarinenses da Biblioteca Pública de Santa Catarina (2020) e Veiga (1990)

Muitos destes estabelecimentos surgiram com o único propósito de disseminar as ideias de seus patronos e assegurar suas influências. Por vezes tendo suas atividades, e até endereços, vinculados à publicação de um único periódico. Por outro lado, há oficinas que conquistaram um amplo catálogo de títulos em circulação prestando serviços de impressão para múltiplos clientes. Ainda que, mesmo nestas situações, houvesse uma convergência de ideias e temáticas publicadas por uma mesma oficina. Excetuando casos raros, como O Typographo, de autoria dos trabalhadores da Typographia do Conservador, que detinham o controle sobre a produção e veiculação do periódico de maneira independente dos demais títulos impressos na oficina. Uma vez fechadas as oficinas, poderiam ter seu maquinário ou até mesmo toda a estrutura comprada para dar lugar a novos estabelecimentos.

O caso da Typographia Provincial, fundada em 1845, retrata bem como se deram essas dinâmicas no processo de instauração da imprensa e das atividades de impressão tipográfica na capital catarinense. Destinada à impressão de qualquer peça oficial de periódicos da província, foi também responsável pela impressão do título que documentou a vinda do Imperador Dom Pedro II e da Imperatriz Teresa Cristina à Santa Catarina através do periódico intitulado O Relator Catharinense. A oficina fechou as portas após a impressão da décima edição do periódico e, posteriormente, foi adquirida por José Joaquim Lopes em um leilão judicial. A partir desse momento, sob novo nome, a Typographia de J. J. Lopes viria a imprimir diversos jornais de cunho opinativo, político – vinculadas ao partido conservador –, noticioso e religioso, mantendo as portas abertas por mais de quatro décadas, ao longo das quais viria a publicar mais de uma dezena de títulos e centenas de edições.

Durante o período de 1831 até 1894 casos como o da Typographia Provincial e de J. J. Lopes, não foram incomuns. A Ilha do Desterro chegou a ter, ao menos, 25 oficinas até o fim do período. As “Typographias”, como eram comumente intituladas na época, tiveram tempo de duração variado, associado à exclusividade ou não de suas atividades. Enquanto oficinas que se dedicavam apenas a um periódico tinham uma curta expectativa de vida, outras tinham seu tempo de funcionamento estendido por atender demandas externas, e mantiveram um longo histórico de publicações assim como uma longevidade que poderia chegar a décadas. A figura 6 representa o período de atividade e as mudanças de nome dos estabelecimentos.

Figura 6: Gráfico com o período de atividade e a mudança de nome das oficinas tipográficas.



Fonte: Dos autores a partir de Machado e Borszcz (2020)

É importante destacar que a chegada das oficinas se deu, sobretudo, através da compra e subsídio de agentes de maior poder aquisitivo e influência pública local como deputados, médicos, advogados e militares, que eram os proprietários destes estabelecimentos. A clara relação da concentração de renda com o acesso a espaços de impressão tipográfica, tornava o exercício da atividade acessível para poucos, atividade essa que, por sua vez, produzia artefatos que por si só eram acessíveis para uma parcela minoritária de pessoas letradas da época.

5 Discussão dos resultados

Comparando os registros de instalação de oficinas tipográficas no Brasil e em Santa Catarina fica evidente que houve certa demora em relação a estados do sudeste, nordeste e na própria região sul. Porém, dada a característica geográfica da capital e o baixo índice de alfabetização no início do século XIX é compreensível a demora de 1 década para o surgimento da primeira "Typographia" após o decreto de 1821. Porém, ao analisar o contexto que levou a criação das oficinas percebe-se que a motivação foi semelhante, divulgar ideias políticas inicialmente e posteriormente o conteúdo literário e comercial.

Assim como no restante do país surgiram associações de profissionais demonstrando, segundo Cardoso (2009), o amadurecimento da área gráfica, em Desterro também houve publicações de periódicos independentes produzidos por trabalhadores. Foram identificados na pesquisa 2 periódicos intitulados O Typographo, sendo um produzido pelos profissionais da oficina do jornal O Conservador e outro vindo dos trabalhadores da Typographia da Regeneração.

Embora esta pesquisa não contemple uma análise visual detalhada das publicações, é notável pelos exemplares catalogados que havia uma significativa variedade de tipos, ornamentos e clichês disponíveis durante o período. Também percebe-se que há jornais com composições mais elaboradas e outras mais tradicionais, como mostra a figura 7.

Figura 7: Detalhes de alguns jornais catalogados na Hemeroteca Digital Catarinense



Fonte: Dos autores a partir de Machado e Borszcz (2020)

Diante do que foi investigado, e sobretudo graças ao contato com o material digitalizado pela Hemeroteca Digital de Santa Catarina durante a pesquisa, é possível constatar a potencialidade do tema para novas pesquisas que se aprofundem com mais afinco no que diz respeito à investigação do acervo de tipos móveis disponíveis, do maquinário utilizado, da escala produtiva e crescimento de mão de obra especializada bem como do aperfeiçoamento de manifestações visuais e composições tipográficas na região.

6 Considerações finais

Considerando o ineditismo em torno do objeto da pesquisa de cunho exploratório abordada neste artigo, é importante ressaltar sua relevância e contribuição para o mapeamento histórico do surgimento das práticas tipográficas na capital catarinense assim como seus desdobramentos. A partir da investigação e consulta aos acervos foi possível constatar que, apesar dos indicadores demográficos e populacionais da ilha bem como suas condições geográficas e históricas particulares, o surgimento das oficinas tipográficas em Desterro se assemelha em muitos aspectos às demais regiões do país. E, apesar de ter ocorrido com certa lentidão, conquistou gradativamente sua influência nas agitações sociopolíticas do território nacional da época, veiculando ideias políticas que protagonizaram relevantes mudanças estruturais da época tais como, a proclamação da república em 1822 e a abolição do regime escravocrata mais de 60 anos depois.

No entanto, a pesquisa documental efetuada através dos acervos de obras digitalizadas apresenta alguns desafios, como a condição de conservação dos periódicos, a disponibilidade de acesso a materiais digitais de qualidade – obras devidamente escaneadas e legíveis –, a identificação e a catalogação precisa dos periódicos analisados para a pesquisa, que por vezes possuíam títulos faltantes ou partes deterioradas. Nesse sentido, destaca-se a relevância de espaços como a Biblioteca Pública de Florianópolis e o acervo de obras raras na Universidade Federal de Santa Catarina, onde é possível encontrar obras físicas de grande importância para a preservação da memória gráfica e conservação do patrimônio histórico da ilha.

Referências

- Cardoso, R. (2009). *Impresso no Brasil (1808–1930): Destaques da História Gráfica no Acervo da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Verso Brasil.
- Carvalho, G., & Figueira, J. (2022). *Historiografia da censura à imprensa brasileira: tradição, permanência e particularidades*. Niterói: revista Tempo Vol. 28 n. 3 Set./Dez.
- Catálogo Jornais Catarinenses da Biblioteca Pública de Santa Catarina: 1831 a 2019. (2020). vol. 1 e 2 / organizadores Helen Moro de Luca, Alzemi Machado, Roseléia Marcelino. Florianópolis: FCC.
- Eller, E. N. (2020) *Convergências tipográficas: uma análise crítica de impressos luso-brasileiros dos séculos XVIII e XIX como um fundamento para práticas contemporâneas em design de tipos*. [Tese de Doutorado em Design, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/45102>

- Farias, P. L., Hanns, D. K., Aragão, I. R., & Dixon, C. (2018). Designing the Early History of Typography in Brazil, starting from printing in São Paulo. ICDHS 10th+1, 2018, Barcelona. Back to the Future. The Future in the Past. Conference Proceedings Book, p. 493–498.
- Fonseca, L. P. (2021). Introdução - Memória Gráfica Brasileira. Chapon Cadernos De Design / Centro De Artes / UFPEL, 2(1), 6-24.
- Gerlach, G. (2015) Ilha de Santa Catarina: Florianópolis. São José: Clube de Cinema. Nossa Senhora do Desterro. Tomo I.
- Godin, J., & Sérgio, A. S. (2020). Atividade editorial no Brasil: primórdios da produção tipográfica e circulação de impressos no país. Blucher Design Proceedings, p 301-316. <https://doi.org/10.5151/cid2020-24>
- Hallewell, L. (1985). O livro no Brasil (sua história). São Paulo: EDUSP.
- Lima, E. L. O. C. (2006). Fundidoras de tipo do século XIX anunciantes no Almanack Laemmert. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. Relatório de pesquisa (Programa Nacional de Apoio à Pesquisa na Biblioteca Nacional). Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/producao-intelectual/documentos/fundidoras-tipo-seculo-xix-anunciantes-almanack>. Acesso em: [17/02/2025].
- Machado, A., & Borszcz, I. (2020). A Imprensa catarinense no Século XIX: catálogo descritivo e Ilustrado do acervo de jornais raros da Biblioteca Pública de Santa Catarina – Hemeroteca Digital Catarinense. Florianópolis: FCC Edições. Disponível em: http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/A_Imprensa_Catarinense_ebook.pdf. Acesso em: [12/06/2025].
- Matos, F. (2008). Uma ilha de leitura: notas para uma história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros (1830-1950). Ed. da UFSC.
- Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Khoury. Revista Projeto História, v.10, p. 7-28.
- Prodanov, C. C., & Freitas E. C. (2013). Metodologia de Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico (2ª ed. digital). Ed. Feevale.
- Veiga, E. V. (1990). *Processo histórico de mutação da paisagem urbana da area central de Florianópolis 1850-1930* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/75702>

Sobre o(a/s) autor(a/es)

Cristina C. Nunes, Dra, UFSC, Brasil <cristina.colombo@ufsc.br>

Gabriel Delmondes Pinheiro, UFSC, Brasil <g.delmondes@ufsc.br>

Mary Vonni Meürer, Dra, UFSC, Brasil <mary.meurer@ufsc.br>